

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VII

AGOSTO DE 1864

Nº 8

Novos Detalhes sobre os Possessos de Morzine

Na *Revista Espírita* dos meses de dezembro de 1862, janeiro, fevereiro, março e maio de 1863, apresentamos um relato circunstanciado e uma apreciação da epidemia demoníaca de Morzine (Haute-Savoie), e demonstramos a insuficiência dos meios empregados para combatê-la. A despeito de o mal jamais ter cessado completamente, tinha havido uma espécie de interrupção. Vários jornais, bem como a nossa correspondência particular, assinalam o reaparecimento do flagelo com nova intensidade. O *Magnetiseur*, jornal de magnetismo animal, publicado em Genebra pelo Sr. Lafontaine, em seu número de 15 de maio de 1864, relata este caso:

“A epidemia demoníaca que, desde 1857, reina no burgo de Morzine e nos lugarejos vizinhos, situados entre as montanhas da Haute-Savoie, ainda provoca os seus estragos. O governo francês se inquieta com o caso, já que a Savoie lhe pertence. Enviou ao local homens especializados, inteligentes e capazes, inspetores de hospícios de alienados, etc., para estudar a

natureza e observar a marcha da doença. Estes tomaram algumas medidas, tentaram o deslocamento e transportaram as moças doentes para Chambéry, Annecy, Evian, Thonon, etc. Contudo, o resultado dessas tentativas não foi satisfatório; apesar do tratamento médico que julgaram conveniente, as curas foram pouco numerosas; e quando essas infelizes retornaram à região, recaíram no mesmo estado de sofrimento. Depois de, inicialmente, ter atingido as crianças e as mocinhas, a epidemia estendeu-se às mães de família e às mulheres idosas. Poucos homens lhe sentiram a influência; todavia, custou a vida de um. Esse infeliz meteu-se no estreito espaço entre o fogão e a parede, de onde garantia não poder sair; ali ficou um mês, sem se alimentar; morreu de esgotamento e de inanição, vítima de sua imaginação impressionável.

“Os enviados do governo francês fizeram relatórios, num dos quais o Sr. Constant, entre outras coisas, declarava que o pequeno número de curas realizado naquela população era devido ao magnetismo por mim empregado em Genebra, em moças e senhoras que me haviam trazido em 1858 e 1859.

“Nossos leitores sabem que o flagelo, atribuído pelos bons camponeses de Morzine e, o que é mais lamentável, por seus guias espirituais, *ao poder do demônio*, manifesta-se naqueles que são tomados por convulsões violentas, acompanhadas de gritos, de perturbações do estômago e de gestos da mais impressionante ginástica, sem falar dos juramentos e de outros processos escandalosos, de que os doentes se tornam culpados, tão logo constrangidos a entrar numa igreja.

“Conseguimos curar vários desses doentes, que não sofreram nenhum ataque enquanto moravam longe das influências desagradáveis do contágio e dos Espíritos feridos de sua região. Mas em Morzine o horrível mal não deixou de fazer estragos entre essa infeliz população; ao contrário, o número de suas vítimas foi

crescendo. Em vão prodigalizaram preces e exorcismos; em vão levaram os doentes para hospitais de várias cidades distantes; o flagelo, que em geral ataca mocinhas, cuja imaginação é mais viva, encarna-se sobre a sua presa, e as únicas curas constatadas são as operadas por nós, das quais fizemos um relato em nosso jornal.

“Enfim, esgotados os meios, quiseram tentar um grande golpe. monsenhor Maguin, bispo de Annecy, há pouco anunciou que iria a Morzine, tanto para crismar os habitantes que ainda não haviam recebido esse sacramento, quanto para descobrir os meios de vencer a terrível doença. A boa gente do vilarejo esperava maravilhas dessa visita.

“Ela ocorreu sábado, 30 de abril, e domingo, 1º de maio. Eis as circunstâncias que a assinalaram:

“Sábado, lá pelas quatro horas, o prelado aproximou-se da aldeia. Estava a cavalo, acompanhado por grande número de eclesiásticos. Tinham procurado reunir os doentes na Igreja; alguns tinham sido forçados a ir. Logo que o bispo pisou em terras de Morzine, diz uma testemunha ocular, as possessas, sentindo a sua aproximação, foram tomadas das mais violentas convulsões. Em especial, as que estavam confinadas na igreja, soltavam gritos e urros, que nada tinham de humano. Todas as jovens que, em diferentes épocas, tinham sido atingidas pela doença, a apresentaram novamente, e viram-se diversas, que há cinco anos não eram atingidas, vitimadas pelo mais aterrador paroxismo, pelas mais terríveis crises. O próprio bispo empalideceu ao ouvir os urros que acolheram a sua chegada. A despeito disto, continuou a avançar para a igreja, malgrado as vociferações de algumas doentes, que haviam escapado das mãos de seus guardas para se atirarem à sua frente e o injuriarem. Apeou à porta do templo e aí entrou com dignidade. Mal acabara de entrar, a desordem redobrou; deu-se, então, uma cena verdadeiramente infernal.

“As possessas, cerca de setenta, com um único rapaz, juravam, rugiam, pulavam em todos os sentidos; isto durou várias horas. Quando o prelado quis fazer o crisma, o furor recrudesceu, como se fosse possível. Tiveram de arrastá-las para junto do altar; sete ou oito homens viram-se forçados a conjugar os seus esforços para vencer a resistência de algumas; os policiais prestaram auxílio. O bispo devia partir às quatro horas; às sete da noite ainda estava na igreja, onde não puderam vencer a resistência de três doentes; conseguiram arrastar duas, ofegantes, espuma na boca, blasfêmias nos lábios, até os pés do prelado. A última resistiu a todos os esforços; vencido de fadiga e de emoção, o bispo viu-se obrigado a lhe negar a imposição das mãos; saiu da igreja tremendo, transtornado, as pernas cobertas de contusões recebidas das possessas, enquanto estas se debatiam sob sua bênção.

“Partiu do vilarejo, deixando aos habitantes boas palavras, mas sem lhes ocultar a impressão de profundo estupor que havia experimentado em presença de um mal, que não podia prefigurar tão grande. Terminou confessando que não se tinha sentido bastante forte para conjurar a chaga que tinha vindo curar e prometendo voltar o quanto antes, munido de maiores poderes.

“Não fazemos hoje nenhuma reflexão, limitando-nos a relatar esses fatos deploráveis. Talvez no próximo número relatemos todo o incômodo que em nós eles provocaram.”

Ch. Lafontaine

Eis o relato sucinto que o *Courrier des Alpes* fez de tais fatos, e que vários jornais reproduziram sem comentários:

“Em Annecy comenta-se muito um incidente, tão doloroso quanto imprevisto, que assinalou a excursão de monsenhor Maguin, nosso digno prelado. Todos conhecem a triste e singular doença que, há anos, aflige a comuna de Morzine, à qual não se sabe bem que nome dar; a Ciência aí se perde. Certo público

caracterizou essa doença, que acomete principalmente as mulheres, chamando de *possessos* os que por ela são atingidos. Com efeito, muitos habitantes da comuna estão convencidos de que um sortilégio foi lançado sobre essa localidade.

“Lembra-se, também, que em 1862, um certo número de pessoas vitimadas por essa estranha doença, que reproduz todos os efeitos da loucura furiosa, embora não lhe tendo o caráter, foram espalhadas em diversos hospitais, situados em vários pontos da França, e de lá voltaram curadas. Este ano a doença ganhou outras pessoas e, desde algum tempo, vem tomando proporções alarmantes.

“Foi nestas circunstâncias que monsenhor Maguin, movido apenas pela caridade, fez a sua turnê pastoral a Morzine, e foi no momento em que administrava o sacramento da confirmação que, de repente, uma crise se apoderou de certo número desses infelizes que assistiam à cerimônia ou dela participavam. Deu-se, então, um terrível escândalo. Os detalhes dessa cena são muito confrangedores para serem relatados.

“Limitar-me-ei a dizer que a administração superior comoveu-se com esse triste caso e que um destacamento de trinta homens de infantaria já foi enviado ao local; sei de boa fonte que esse destacamento será duplicado e comandado por um oficial superior, encarregado de meticolosas instruções. Escusado dizer que outras medidas serão tomadas, tais, por exemplo, o envio de médicos especialistas, encarregados de estudar a doença. A força armada terá por missão proteger as pessoas.”

A Ciência aí se perde é uma confissão de impotência. Então, o que é que farão os médicos? Já não os enviaram, e muito capacitados? Dizem que vão mandar especialistas. Mas, como estabelecer sua especialidade numa afecção cuja natureza não se conhece, e na qual a Ciência se perde? Concebe-se a especialidade

dos oculistas para as afecções dos olhos, dos toxicologistas nos casos de envenenamento. Mas aqui, em que categoria serão recrutados? Entre os alienistas? Muito bem, se for demonstrado que é uma afecção mental. Mas os próprios alienistas fracassaram; não estão de acordo quanto à causa nem quanto ao tratamento. Ora, já que a Ciência aí se perde, o que é uma grande verdade, os alienistas não são mais especialistas que os cirurgiões. É verdade que lhes vão agregar uma força armada, mas já empregaram esse expediente sem sucesso. Duvidamos muito que desta vez sejam mais bem-sucedidos.

Se, pois, a Ciência falha, é que não está com a verdade. Que há para admirar? Tudo revela uma causa moral, e enviam homens que só crêem na matéria; procuram na matéria e aí nada encontram. Isto prova sobejamente que não procuram onde é preciso. Se quiserem médicos mais especialistas, que os selecionem entre os espiritualistas, e não entre os materialistas; ao menos aqueles poderão compreender que possa haver algo fora do organismo.

A religião não foi mais feliz; usou suas munições contra os diabos, sem poder chamá-los à razão. Então os diabos são mais fortes, a menos que não sejam diabos. Seus constantes reveses, em casos semelhantes, provam uma de duas coisas: ou que ela não está com a verdade, ou que é vencida por seus inimigos.

O mais claro de tudo isto é que nada do que empregaram deu resultado e melhor resultado não obterão enquanto se obstinarem a não buscar a verdadeira causa onde ela está. Um estudo atento dos sintomas demonstra, como última evidência, que sua causa está na ação do mundo invisível sobre o mundo visível, ação que é a fonte de mais afecções do que se pensa, e contra as quais a Ciência falha pela razão de que combate o efeito e não a causa. Numa palavra, é o que o Espiritismo designa sob o nome de *obsessão*, levada ao mais alto grau, isto é, de *subjugação* e de

possessão. As crises são efeitos consecutivos; a causa é o ser obsessor. É, pois, sobre este ser obsessor que se deve agir, como se age sobre os vermes nas convulsões por eles ocasionadas.

Sistema absurdo, dirão. Absurdo para os que nada admitem fora do mundo tangível, mas muito positivo para os que constataram a existência do mundo espiritual e a presença de seres invisíveis à nossa volta; sistema, aliás, baseado na experiência e na observação, e não numa teoria preconcebida. A ação de um ser invisível malfazejo foi *constatada* numa imensidão de casos isolados, tendo completa analogia com os fatos de Morzine, donde é lógico concluir que a causa seja a mesma, uma vez que os efeitos são semelhantes; a diferença está apenas no número. Todos os sintomas, sem exceção, observados nos doentes daquela localidade, o foram em casos particulares de que falamos. Ora, desde que libertaram os doentes atingidos pelo mesmo mal, sem exorcismo, sem medicamentos e sem polícia, o que se fez alhures poderia ser feito em Morzine.

Se é assim, perguntarão, por que os recursos espirituais empregados pela Igreja são ineficazes? Eis a razão.

A Igreja acredita nos demônios, isto é, numa categoria de seres de natureza perversa, e votados eternamente ao mal, por conseguinte, imperfectíveis. Com esta idéia, ela não procura melhorá-los. O Espiritismo, ao contrário, reconheceu que o mundo invisível é composto de almas ou Espíritos dos homens que viveram na Terra e que, depois da morte, povoam o espaço; nesse número os há bons e maus, como entre os homens. Dos que se regozijavam em vida em praticar o mal, muitos ainda se comprazem em fazê-lo após a morte; mas, pelo fato de pertencerem à Humanidade, estão submetidos à lei do progresso e podem melhorar-se. Não são, pois, demônios, como o entende a Igreja, mas Espíritos imperfectos.

Sua ação sobre os homens se exerce, ao mesmo tempo, sobre o físico e o moral. Daí uma porção de afecções que não têm sede no organismo, loucuras aparentes refratárias a qualquer medicação. É um novo ramo da patologia, que se pode designar sob o nome de *patologia espiritual*. A experiência ensina a distinguir os casos desta categoria dos que pertencem à patologia orgânica.

Não nos propomos descrever o tratamento das afecções desse gênero, porque já foi indicado alhures. Limitar-nos-emos a lembrar que consiste numa tripla ação: a ação fluídica, que libera o perispírito do doente da opressão do perispírito do Espírito malévolos, o ascendente exercido sobre este último pela autoridade que sobre ele dá a superioridade moral, e a influência moralizadora dos conselhos que se lhe dá. A primeira não passa de acessório das duas outras; sozinha ela é insuficiente, porque, caso se consiga, momentaneamente, afastar o Espírito, nada o impede de voltar à carga. É a fazê-lo renunciar voluntariamente a seus maus propósitos que nos devemos empenhar, moralizando-o. É uma verdadeira educação a fazer, que exige tato, paciência, devotamento e, acima de tudo, uma fé sincera. Prova a experiência, pelos resultados obtidos, o poder deste meio; mas também demonstra que, em certos casos, é necessário o concurso simultâneo de várias pessoas, unidas na mesma intenção.

Ora, que faz a Igreja em semelhantes casos? Convicta de que trata com demônios incorrigíveis, não se ocupa absolutamente com a sua melhora; crê amedrontá-los e afastá-los por sinais, fórmulas e aparatos de exorcismo, de que eles se riem e se tornam mais excitados, redobrando a malícia, como sempre sucedeu quando tentaram exorcizar os lugares em que se produzem barulhos e perturbações. É fato confirmado pela experiência que os sinais e os atos exteriores nenhum poder exercem sobre eles, ao passo que se tem visto os mais endurecidos e perversos Espíritos cederem a uma pressão moral e voltarem aos bons sentimentos. Tem-se, então, a dupla satisfação de livrar o obsidiado e de reconduzir a Deus uma alma transviada.

Talvez perguntem por que os espíritas – já que estão convencidos da causa do mal e dos meios de o combater – não foram a Morzine para ali operar seus milagres? Em primeiro lugar, os espíritas não fazem milagres; a ação curativa que se pode exercer em semelhantes casos nada tem de maravilhoso, nem de sobrenatural; repousa numa lei da Natureza: a das relações entre o mundo visível e o mundo invisível, lei que, dando a razão de certos fenômenos incompreendidos, por falta de conhecimento, vem restringir os limites do maravilhoso, em vez de os alargar. Em segundo lugar, dever-se-ia perguntar se o seu concurso teria sido aceito; se não teriam encontrado uma oposição sistemática; se, longe de serem secundados, não teriam sido entravados pelos próprios que fracassaram; se não teriam sido insultados e maltratados por uma população superexcitada pelo fanatismo, acusados de feitiçaria junto aos próprios doentes e de agirem em nome do diabo, como se viram amostras em certas localidades. Nos casos individuais e isolados, os que se devotam ao alívio dos aflitos geralmente são auxiliados pela família e pela vizinhança, muitas vezes pelos próprios doentes, sobre o moral dos quais devem atuar, por meio de palavras boas e encorajadoras, que devem excitar a prece. Semelhantes curas não se obtêm instantaneamente. Os que as empreendem necessitam de calma e de profundo recolhimento. Nas circunstâncias atuais, essas condições seriam possíveis em Morzine? É mais que duvidoso. Quando vier o momento de deter o mal, Deus o proverá.

Aliás, os fatos de Morzine e sua continuação têm sua razão de ser, assim como as manifestações do mesmo gênero em Poitiers. Eles se multiplicarão, quer isolada, quer coletivamente, a fim de convencer da impotência dos meios até agora empregados para lhes pôr um termo, e para forçar a incredulidade a reconhecer, enfim, a existência de um poder extra-humano.

Para todos os casos de obsessão, de possessão e de quaisquer manifestações desagradáveis, chamamos a atenção sobre

o que, a respeito, diz *O Livro dos Médiuns*, capítulo da *obsessão*; sobre os artigos da *Revista* relativos a Morzine e referidos acima; sobre nossos artigos dos meses de fevereiro, março e junho de 1864, concernentes à jovem obsedada de Marmande; enfim, sobre os n^{os} 325 a 335 da *Imitação do Evangelho*. Aí encontrarão as instruções necessárias para se guiarem em circunstâncias análogas.

Suplemento ao Capítulo das Preces da *Imitação do Evangelho*

Vários assinantes lamentaram não ter encontrado, em nossa *Imitação do Evangelho segundo o Espiritismo*, uma prece especial da manhã e da noite, para uso habitual.

Faremos notar que as preces contidas nessa obra não constituem um formulário que, para ser completo, deveria encerrar um número bem maior. Elas fazem parte das comunicações dadas pelos Espíritos; nós as reunimos no capítulo consagrado ao exame da prece, como agregamos a cada um dos outros capítulos as comunicações que lhes diziam respeito. Omitindo intencionalmente as da manhã e da noite, quisemos evitar que nossa obra tivesse um caráter litúrgico, razão por que nos limitamos às que têm relação mais direta com o Espiritismo, de modo que cada um poderá encontrar as outras entre as de seu culto particular. Todavia, para anuir ao desejo que nos é expresso, damos a seguir a que nos parece responder melhor ao objetivo que se propõe. Contudo a faremos preceder de algumas observações, para que melhor se compreenda o seu alcance.

Na *Imitação*, n^o 274, ressaltamos a necessidade das preces *inteligíveis*. Aquele que ora sem compreender o que diz, habitua-se a ligar mais valor às palavras do que aos pensamentos; para ele as palavras é que são eficazes, mesmo que o coração em nada tome parte. Assim, muitos se julgam desobrigados depois de

recitarem algumas palavras que os dispensam de se reformarem. É fazer da Divindade uma idéia estranha acreditar que ela se deixe pagar por palavras em vez de atos, que atestam uma melhora moral.

Eis, a respeito, a opinião de São Paulo:

“Se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala; e ele, estrangeiro para mim. – Porque, se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera. – E se tu bendisseres apenas em espírito, como dirá o indouto o *amém* depois da tua ação de graças? visto que não entende o que dizes. – Porque tu, de fato, dás bem as graças, mas o outro não é edificado.” (São Paulo, 1ª Epístola aos Coríntios, capítulo 14, versículos, 11, 14, 16 e 17.)

É impossível condenar de maneira mais formal e mais lógica o uso das preces ininteligíveis. É de admirar-se que se haja levado em tão pouca conta a autoridade de São Paulo sobre este ponto, quando, sobre outros, é tantas vezes invocada. Outro tanto se poderia dizer da maioria dos escritores sacros, considerados como luzes da Igreja, cujos preceitos estão longe de ser postos em prática.

Uma condição essencial da prece é, pois, segundo São Paulo, ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso espírito. Para isto não basta que seja dita em língua compreensível para aquele que ora; há preces em língua vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se o fossem em língua estranha, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras idéias que encerram muitas vezes são abafadas pela superabundância de palavras e pelo misticismo da linguagem.

A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que não passam de falsos adereços; cada palavra deve ter o seu alcance, despertar um pensamento, agitar uma fibra; numa palavra, deve

fazer refletir; só com esta condição a prece pode atingir o seu objetivo, do contrário não passa de ruído. Observai, também, com que ar distraído e com que volubilidade elas são ditas na maior parte do tempo. Vêm-se os lábios se movendo, mas, pela expressão da fisionomia e pelo tom da voz se reconhece um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma fica indiferente.

O mais perfeito modelo de concisão em matéria de prece é, indubitavelmente, a *Oração dominical*, verdadeira obra-prima de sublimidade na sua simplicidade; sob a mais restrita forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Contudo, em razão de sua própria brevidade, o sentido profundo, encerrado nas poucas palavras de que se compõe, escapa à maioria; os comentários feitos a respeito nem sempre estão presentes à memória, ou, mesmo, são desconhecidos pela maioria. Eis por que geralmente a dizem sem digerir o pensamento sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula, cuja eficácia é proporcional ao número de vezes que é repetida. Ora, é quase sempre um dos números cabalísticos *três, sete ou nove*, tirados da antiga crença na virtude dos números, e ainda em uso nas operações de magia. Pensai ou não no que dizeis, mas repeti a prece tantas vezes, que isto basta. Enquanto o Espiritismo repele expressamente toda eficácia atribuída às palavras, aos sinais e às fórmulas, a Igreja se intromete indevidamente ao acusá-lo de ressuscitar as velhas crenças supersticiosas.

Todas as religiões antigas e pagãs tiveram sua língua sagrada, língua misteriosa, inteligível apenas aos iniciados, mas cujo sentido verdadeiro era oculto ao vulgo, que a respeitava tanto mais quanto menos a compreendia. Isto podia ser aceito na época da infância intelectual das massas; mas hoje, que estão espiritualmente emancipadas, as línguas místicas não têm mais razão de ser e constituem um anacronismo; querem ver tão claro nas coisas da religião quanto nas da vida civil; não se pede mais para crer e orar, mas se quer saber por que se crê e o que se pede orando.

O latim, de uso habitual nos primeiros tempos do Cristianismo, tornou-se para a Igreja a língua sagrada, e é por um resquício do antigo prestígio ligado a essas línguas, que a maioria dos que não o sabem recitam a oração dominical nessa língua, em vez de na sua própria. Dir-se-ia que ligam a isto tanto mais virtude quanto menos a compreendem. Por certo, não foi essa a intenção de Jesus quando a ditou, e tal não foi, igualmente, a de São Paulo, quando disse: “Se eu orar em outra língua, o meu espírito ora de fato, mas a minha mente fica infrutífera.” Ainda se, por falta de inteligência, o coração orasse sempre, haveria apenas um mal menor; infelizmente, muitas vezes o coração não ora mais que o espírito. Se o coração realmente orasse, não se veria tanta gente, entre os que rezam muito, aproveitar tão pouco, não ser nem mais benevolente, nem mais caridosa, nem menos maledicente para com o próximo.

Feita esta ressalva, diremos que a melhor prece da manhã e da noite é, sem sombra de dúvida, a *Oração dominical*, dita com inteligência, de coração e não de lábios. Mas, para suprir o vácuo que a sua concisão deixa no pensamento, a ela acrescentamos, a conselho e com a assistência dos Espíritos bons, um desenvolvimento a cada proposição.

Conforme as circunstâncias e o tempo disponível, pode, pois, dizer-se a *Oração dominical* simples ou com os comentários. Também se podem acrescentar algumas das preces contidas na *Imitação do Evangelho*, tomadas entre as que não tenham um objetivo especial, por exemplo: a prece aos anjos-da-guarda e aos Espíritos protetores, nº 293; aquela para afastar os Espíritos maus, nº 297; para as pessoas que nos foram afeiçoadas, nº 358; para as almas sofredoras que pedem preces, nº 360, etc. Fique entendido que é sem prejuízo das preces especiais do culto ao qual se pertence por convicção, e ao qual o Espiritismo não manda renunciar.

Aos que nos pedem uma linha de conduta a seguir no que concerne às preces cotidianas, aconselhamos cada um a fazer sua própria coletânea, apropriada às circunstâncias em que se encontram, para si, para outrem ou para os que deixaram a Terra; de desenvolvê-las ou restringi-las, conforme a oportunidade.

Uma vez por semana, por exemplo, no domingo, pode-se consagrar a elas um tempo mais longo e dizer todas, seja em particular, seja em comum, se houver lugar, acrescentando algumas passagens da *Imitação do Evangelho* e a de algumas boas instruções, ditadas pelos Espíritos. Isto se dirige mais especialmente às pessoas repelidas pela Igreja por causa do Espiritismo, as quais se sentem, por isto mesmo, mais necessitadas de se unirem a Deus pelo pensamento.

Mas, salvo este caso, nada impede que os crentes, nos dias consagrados às cerimônias de seu culto, ali digam algumas das preces relacionadas com as crenças espíritas, ao mesmo tempo em que profere as suas. Isto não pode senão contribuir para elevar sua alma a Deus pela união do pensamento e das palavras. O Espiritismo é uma fé íntima; está no coração, e não nos atos exteriores; não impõe nenhuma que seja susceptível de escandalizar os que não partilham dessa crença; ao contrário, recomenda a sua abstenção, por espírito de caridade e de tolerância.

Em consideração e como aplicação das idéias precedentes, damos a seguir a *Oração dominical desenvolvida*. Se algumas pessoas julgassem que não era aqui o lugar para um documento desta natureza, nós lhes lembraríamos que nossa *Revista* não é somente uma compilação de fatos, e que seu campo de ação abrange tudo quanto possa ajudar o desenvolvimento moral. Houve um tempo em que os casos de manifestações eram os únicos a interessar os leitores; mas hoje, que o objetivo sério e moralizador do Espiritismo é compreendido e apreciado, a maioria dos adeptos ali procura mais o que toca o coração do que o que agrada o espírito. É, pois, a estes, que nos dirigimos nesta

circunstância. Por esta publicação, sabemos ser agradável a um grande número, se não a todos. Só isto nos moveu, se outras considerações, sobre as quais devemos guardar silêncio, não nos tivessem determinado a fazê-lo neste momento, e não em outro.

ORAÇÃO DOMINICAL DESENVOLVIDA¹⁶

I. Pai Nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome!

Creemos em ti, Senhor, porque tudo revela o teu poder e a tua bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o inseto pequenino, até os astros que se movem no espaço, acha-se inscrito o nome de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda parte se nos depara a prova de paternal solicitude. Cego, portanto, é aquele que te não reconhece nas tuas obras, orgulhoso aquele que te não glorifica e ingrato aquele que te não rende graças.

II. Venha o teu reino!

Senhor, destes aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo provêm da violação de tuas leis, porquanto nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais conseqüências.

Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no

16 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo XXVIII, item 3.

entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode pretextar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam.

Dia virá em que, segundo a tua promessa, todos as praticarão. A incredulidade, então, terá desaparecido. Todos te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das tuas leis será o teu reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, outorgando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

III. Faça-se a tua vontade, assim na Terra como no Céu.

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quão maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a tua vontade, Senhor, é observar as tuas leis e submeter-se, sem queixumes, aos teus decretos. O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem ti ele nada pode. Fará, então, a tua vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. Dá-nos o pão de cada dia.

Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas, dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra a sua pastagem; o homem, porém, deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhe hás dito: “Tirarás da terra o alimento com o suor da tua frente.” Desse modo, fizeste do trabalho, para ele, uma obrigação, a fim de que exercitasse a inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajudas o homem de boa vontade que em ti confia, pelo que concerne ao necessário; não, porém, àquele que se compraz na ociosidade e desejara tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo.

Quantos e quantos sucumbem por culpa própria, pela sua incúria, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havias concedido! Esses são os artífices do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. Mas, nem a esses mesmos abandonas, porque és infinitamente misericordioso. Estende-lhes as mãos para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para ti.

Antes de nos queixarmos da sorte, inquiramos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la. Consideremos também que Deus nos outorgou a inteligência para tirar-nos do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.

Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem da Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos

também a prudência, a providência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, porquanto ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se trabalhar nos é impossível, à tua divina providência nos confiamos.

Se está nos teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras provações, a despeito dos nossos esforços, aceitamo-las como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, porquanto és justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa-lhes, se esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste.

Afasta, igualmente, do nosso espírito a idéia de negar a tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Já sabemos, graças às novas luzes que te aprouve conceder-nos, que a tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é efêmera, quanto a sua existência corpórea, e que experimentará terríveis reveses, ao passo que eterno será o júbilo daquele que sofre resignado.

V. Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. – Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infrações às tuas leis, Senhor, é uma ofensa que te fazemos e uma dívida que contraímos e que

cedo ou tarde teremos de saldar. Rogamos-te que no-las perdoes pela tua infinita misericórdia, sob a promessa, que te fazemos, de empregarmos os maiores esforços para não contrair outras.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade; mas, a caridade não consiste apenas em assistirmos os nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a tua indulgência, se dela não usássemos para com aqueles que nos hão dado motivo de queixa?

Concede-nos, ó meu Deus, forças para apagar de nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. Faze que a morte não nos surpreenda guardando no coração desejos de vingança. Se te aprouver tirar-nos hoje mesmo deste mundo, faze que nos possamos apresentar, diante de ti, puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujos últimos pensamentos foram em prol dos seus algozes.

Constituem parte das nossas provas terrenas as perseguições que os maus nos infligem. Devemos, então, recebê-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas, e não maldizer dos que, por suas maldades, nos rasgam o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste, por intermédio de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendigamos, portanto, a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortificam a alma e que seremos exalçados por efeito da nossa humildade. Bendito seja teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas culpas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso.

Assim se explicam, afinal, todas as anomalias aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso

futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. Não nos deixes entregues à tentação, mas livra-nos do mal.

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e melhorar-nos. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os Espíritos maus mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. É inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos, pois, é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos, os Espíritos maus naturalmente se afastarão, ao passo que o bem os repele.

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos Espíritos bons, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de obstartmos aos Espíritos maus o acesso à nossa alma.

O mal não é obra tua, Senhor, porquanto o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprirmos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para o fazer, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. Assim seja.

Praza-te, Senhor, que os nossos desejos se efetivem. Mas, curvamo-nos perante a tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a tua santa vontade e não a nossa, pois somente queres o nosso bem e, melhor do que nós, sabes o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitem a nossa assistência.

Para todos suplicamos a tua misericórdia e a tua bênção.

Nota – Aqui podem formular-se os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseje pedir para si mesmo ou para outrem.

Questões e Problemas

DESTRUIÇÃO DOS ABORÍGENES DO MÉXICO¹⁷

Escrevem-nos de Bordeaux:

“Lendo no *Civilisateur*, de Lamartine, as cartas de Cristóvão Colombo sobre o estado do México no momento da descoberta, chamou-nos particularmente a atenção a seguinte passagem:

¹⁷ *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 537.

“A Natureza, diz Colombo, ali é tão pródiga que a propriedade não criou o sentimento de avareza ou de cupidez. Esses homens parecem viver numa idade de ouro, felizes e tranqüilos em meio de jardins abertos e sem limites, que não são nem cercados por fossos, nem divididos por paliçadas, nem defendidos por muros. Agem lealmente um para com o outro, sem lei, sem livros, sem juízes. Olham como um homem mau aquele que se compraz em prejudicar o outro. Este horror dos bons contra os maus parece ser toda a sua legislação.

“Sua religião é apenas o sentimento de inferioridade, de reconhecimento e de amor ao Ser Invisível que lhes havia prodigalizado a vida e a felicidade.

“Não há no Universo melhor nação nem melhor país; amam seus vizinhos como a si mesmos; têm sempre uma linguagem suave e graciosa e o sorriso da ternura nos lábios. Andam nus, é verdade, mas vestidos de candura e de inocência.”

“Conforme este quadro, esses povos eram infinitamente superiores, não só aos seus invasores, mas o seriam ainda hoje, em comparação aos povos dos países mais civilizados. Os espanhóis nada tomaram de suas virtudes e os contaminaram com os seus vícios; em troca de sua boa acolhida, não lhes trouxeram senão a escravidão e a morte. Esses infelizes foram, em grande parte, exterminados, e o pouco que deles resta perverteu-se ao contato dos conquistadores.

“Diante desses resultados, pergunta-se:

“Onde está o progresso, e que benefício moral colheu a Humanidade de tanto sangue derramado? Não teria sido melhor que a velha Europa ignorasse o Novo Mundo, tão feliz antes dessa descoberta?

“A essa pergunta, assim respondeu meu guia espiritual:

“Nós te responderíamos com prazer, se teu Espírito se achasse em condições de tratar, neste momento, de assunto tão sério, que exige alguns desenvolvimentos espiritual-filosóficos. Dirige-te a Kardec. Esta ordem de idéias já foi debatida, mas a ela voltarão de maneira mais lúcida do que poderias fazê-lo, porque sempre tens o espírito tenso e o ouvido à espreita. É uma consequência de tua posição atual e a ela te deves submeter.”

Disto resulta uma primeira instrução, a de que não basta ser médium, mesmo formado e desenvolvido, para obter à vontade comunicações sobre o primeiro assunto que surgir. Aquele fez suas provas, mas, no momento, seu próprio Espírito, fortemente e penosamente preocupado com outras coisas, não dispunha da calma necessária. É assim que mil circunstâncias podem opor-se ao exercício da faculdade mediúnica; nem por isso a faculdade deixa de subsistir, mas nada é, sem o concurso dos Espíritos, que lhe dão ou lhe recusam, conforme julgam conveniente, e isto, muitas vezes, no interesse do próprio médium.

Quanto à questão principal, eis a resposta obtida na Sociedade de Paris:

(8 de julho de 1864 – Médium: Sr. d'Ambel)

“Sob as aparências de uma certa bondade natural, e com costumes mais suaves que virtuosos, os incas viviam indolentemente, sem progredir nem se elevar. Faltava a luta a essas raças primitivas; e se batalhas sangrentas não os dizimavam; se uma ambição individual aí não exercia uma pressão soberana para lançar aquelas populações a guerras de conquistas, nem por isso eram menos atingidas pelo perigoso vírus que levava sua raça à extinção. Era preciso retemperar as fontes vitais desses incas degenerados, dos quais os astecas representavam a decadência fatal, que deveria ferir todos aqueles povos. A essas causas inteiramente fisiológicas,

se juntarmos as causas morais, notaremos que o nível das ciências e das artes ali tinha igualmente ficado em prolongada infância. Havia, pois, utilidade de pôr essas regiões pacíficas no mesmo nível das raças ocidentais. Hoje se julga a raça desaparecida, porque se fundiu com a família dos conquistadores espanhóis. Dessa raça cruzada surgiu uma nação nova e vivaz que, por um vigoroso impulso, não tardará a alcançar os povos do velho continente. Que resta de tanto sangue derramado? perguntam de Bordeaux. Primeiro, o sangue derramado não foi tão considerável quanto se poderia crer. Perante as armas de fogo e alguns soldados de Pizarro, toda a nação invadida se submeteu como se estivesse diante de semideuses, saídos das águas. É quase um episódio da mitologia antiga, e essa raça indígena é, sob vários aspectos, semelhante às que defendiam o Tosão de Ouro.”

A essa judiciosa explicação acrescentaremos algumas reflexões:

Do ponto de vista antropológico, a extinção das raças é um fato positivo. Do ponto de vista da filosofia, ainda é um problema. Do ponto de vista da religião, o fato é inconciliável com a justiça de Deus, se se admitir para o homem uma única existência corpórea a decidir o seu futuro para a eternidade. Com efeito, as raças que se extinguem são sempre raças inferiores às que as sucedem; podem ter na vida futura uma posição idêntica à das raças mais aperfeiçoadas? O simples bom-senso repele esta idéia, pois, do contrário, o trabalho que fazemos para nos melhorarmos seria inútil, e tanto faria ficarmos selvagens. A não-preexistência da alma implica forçosamente, para cada raça, a criação de novas almas, mais perfeitas, ao saírem das mãos do Criador, hipótese incompatível com o princípio de toda justiça. Ao contrário, tudo se explica se admitirmos um mesmo ponto de partida para todas e uma sucessão de existências progressivas.

Na extinção das raças, em geral só se leva em conta o ser material, o único que se destrói, enquanto se esquece o ser

espiritual, que é indestrutível e apenas muda de vestimenta, porque o primeiro não estava mais em relação com o seu desenvolvimento moral e intelectual. Suponhamos toda a raça negra destruída: não será destruída senão a vestimenta negra; mas o Espírito, que vive sempre, revestirá, inicialmente, um corpo intermediário entre o negro e o branco e, mais tarde, um corpo branco. É assim que o ser, colocado no último degrau da Humanidade, atingirá, num dado tempo, a soma das perfeições compatíveis com o estado do nosso globo.

Não convém perder de vista que a extinção das raças só alcança o corpo, em nada afetando o Espírito; este, longe de sofrer com isto, ganha um instrumento mais aperfeiçoado, provido de recursos cerebrais que respondem a um maior número de faculdades. O Espírito de um selvagem, encarnado no corpo de um cientista europeu, não seria mais sábio nem saberia o que fazer de seu instrumento, cujas fibras inativas se atrofiariam; o Espírito de um cientista, encarnado no corpo de um selvagem, aí seria como um grande pianista, ante um piano ao qual faltasse a maioria das cordas. Esta tese foi desenvolvida num artigo da *Revista* do mês de abril de 1862, sobre *a perfectibilidade da raça negra*.

A raça branca caucásica é, sem contradita, a que ocupa o primeiro lugar na Terra. Mas terá atingido o apogeu da perfeição? Todas as faculdades da alma estarão nela representadas? Quem ousaria dizê-lo? Suponhamos, então, que, progredindo continuamente, os Espíritos dessa raça acabassem não mais achando espaço físico: tal raça desapareceria para dar lugar a outra, de uma organização mais bem dotada. Assim o quer a lei do progresso. Já não se vêem, na raça branca, nuances bem marcantes, como desenvolvimento moral e intelectual? Podemos ficar certos de que os mais adiantados absorverão os outros.

O desaparecimento das raças opera-se de duas maneiras: numas, pela extinção natural, em conseqüência de

condições climáticas e do abastardamento, quando ficam isoladas; noutras, pelas conquistas e pela dispersão que resultam dos cruzamentos. Sabe-se que da raça negra e da raça branca saiu uma raça intermediária, muito superior à primeira, e que é como que um degrau para os Espíritos desta. Depois, a fusão do sangue dá lugar à aliança dos Espíritos, dos quais os mais avançados auxiliam o progresso dos outros. A respeito, quem pode prever as consequências da última guerra da China? as modificações que se vão produzir nesse país, por tanto tempo estagnado, os novos elementos fisiológicos e psicológicos levados para lá? Em alguns séculos talvez não seja mais reconhecível do que o México de hoje, comparado com o do tempo de Colombo.

Quanto aos indígenas do México, diremos, como Erasto, que neles havia costumes mais suaves que virtudes, e acrescentamos que, por certo, poetizaram em demasia a sua pretensa idade de ouro. Ensina-nos a história da conquista que se guerreavam entre si, o que não indica um grande respeito pelos direitos dos vizinhos. Sua idade de ouro era a da infância; hoje estão no entusiasmo da juventude; mais tarde atingirão a idade viril. Se ainda não possuem a virtude dos sábios, adquiriram a inteligência que a ela os conduzirá, quando estiverem maduros pela experiência. Mas são necessários séculos para a educação dos povos; ela não se opera senão pela transformação de seus elementos constitutivos. A França seria o que é hoje sem a conquista dos romanos? E os bárbaros se teriam civilizado se não tivessem invadido a Gália? A sabedoria gaulesa e a civilização romana, unidas ao vigor dos povos do Norte, fizeram o povo francês atual.

Sem dúvida é penoso pensar que o progresso, por vezes, precisa de destruição. Mas é preciso destruir os velhos casebres e substituí-los por casas novas, mais belas e mais cômodas. Aliás, é preciso levar em conta o estado atrasado do globo, onde a Humanidade está apenas no progresso material e intelectual. Quando entrar no do progresso moral e espiritual, as necessidades

morais suplantarão as necessidades materiais. Os homens serão governados segundo a justiça e não mais terão de reivindicar seu lugar à força; então a guerra e a destruição não mais terão razão de ser. Até lá, a luta é consequência de sua inferioridade moral.

Vivendo mais material que espiritualmente, o homem só encara as coisas do ponto de vista atual e material; por conseguinte, de um ponto limitado. Até agora, ignorou que o papel capital pertence ao Espírito; viu os efeitos, mas não conheceu as causas, razão por que, durante tanto tempo, extraviou-se nas ciências, nas suas instituições e nas suas religiões. O Espiritismo, ao ensinar-lhe a participação do elemento espiritual em todas as coisas do mundo, amplia o seu horizonte e muda o curso de suas idéias; abre a era do progresso moral.

Correspondência

RESPOSTA DO REDATOR DO *VÉRITÉ* À RECLAMAÇÃO DO ABADE BARRICAND

Caro Senhor Allan Kardec,

Faréis a gentileza de inserir algumas linhas no próximo número de vossa *Revista*?

Fiquei deveras surpreso ao abrir o último número do vosso jornal (julho de 1864) e aí encontrar uma carta assinada Barricand, na qual esse teólogo investe contra mim a propósito de um relato que publiquei sobre um de seus cursos antiespíritas (*Vérité* de 10 de abril de 1864).

As observações muito judiciosas, que fizestes acompanhar esse inqualificável e muito tardio protesto, certamente me teriam dispensado de o responder pessoalmente, se não tivesse temido que, aos olhos de alguns, o meu silêncio passasse por uma derrota ou um erro. Declaro com todas as letras que minha

consciência não poderia associar-se à grave censura que ele me fez de haver fantasiado, *falsificado* o curso de que se trata. Eu o afirmo perante Deus: Se nem sempre reproduzi as mesmas frases, as mesmas palavras pronunciadas por meu contraditor, continuo *convicto* de lhes haver dado o verdadeiro sentido.

Depois disto, que a alta inteligência do abade Barricand julgue a minha muito ínfima ou muito pesada para ter podido captar o verdadeiro tema de seu discurso, através de caminhos sinuosos, mas floridos, por onde passeou; que o abade Barricand tire desta premissa a indução que, em semelhante circunstância, não me é mais permitido afirmar nem infirmar; palavra de honra, é bem possível! Neste caso, e para ser fiel aos meus princípios de tolerância, eu quase consentiria em me censurar por haver defendido o *Vérité* e os outros jornais espíritas contra acusações ilusórias, nascidas de meu cérebro em delírio; em me bater no peito por haver compreendido que, em vez de dobrar a finados sobre as nossas cabeças, contentavam-se, ao que parece, em nos tomar o pulso.

Assim se apaziguará, espero, a ira do Sr. deão da Faculdade de Teologia; desse modo serão reabilitados, aos olhos do mundo, a sua pessoa e o seu ensino.

Aceitai, etc.

E. Edoux,
Diretor do Vérité

Conversas de Além-Túmulo

JULIENNE-MARIE, A MENDIGA

Na comuna da Villatte, perto de Nozai (Loire-Inférieure), havia uma pobre mulher chamada Julienne-Marie, velha, enferma,

e que vivia da caridade pública. Um dia caiu num pântano, de onde foi retirada pelo Sr. Aubert, habitante da região, que habitualmente lhe prestava socorro. Transportada ao seu domicílio, morreu pouco tempo depois, em consequência do acidente. Era opinião geral que ela quisera suicidar-se. No mesmo dia de seu falecimento o Sr. Aubert, que é espírita e médium, sentiu sobre toda a sua pessoa como que o roçar de alguém que estivesse ao seu lado, sem, todavia, explicar a sua causa. Quando soube da morte de Julienne-Marie, veio-lhe o pensamento de que talvez o seu Espírito tivesse vindo visitá-lo.

Seguindo o conselho de um de seus amigos, o Sr. Cheminant, membro da Sociedade Espírita de Paris, ao qual havia contado o que se passara, fez a evocação dessa mulher, com o objetivo de lhe ser útil, não sem antes se aconselhar com seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:

“Tu podes e isto lhe dará prazer, embora seja inútil o serviço que te propões prestar. Ela é feliz e inteiramente devotada aos que lhe foram compassivos. És um de seus bons amigos; ela quase não te deixa e, sem que o percebas, muitas vezes se entretém contigo. Mais cedo ou mais tarde os serviços prestados serão recompensados, se não pelo favorecido, por aqueles que por ele se interessam, antes e depois de sua morte. Quando o Espírito não teve tempo de se reconhecer, outros Espíritos simpáticos, em seu nome, testemunham todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia de sua morte. Agora é ela quem te ajuda no bem que queres fazer. Lembra-te do que disse Jesus: ‘Aquele que se humilhar será exaltado.’ Terás a medida do serviço que ela te pode prestar, se, contudo, só lhe pedires assistência para ser útil a teu próximo.”

Evocação – Bondosa Julienne-Marie, sois feliz; eis tudo quanto eu queria saber. Isto não me impedirá de pensar em vós muitas vezes e de jamais vos esquecer em minhas preces.

Resp. – Tem confiança em Deus; inspira aos teus doentes uma fé sincera e triunfarás quase sempre. Não te ocupes jamais com a recompensa que disso virá, pois ela ultrapassará a tua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como merece aquele que se dedica ao alívio de seus semelhantes e vota às suas ações um completo desinteresse. Sem isto, tudo não passa de ilusão e quimera. Antes de tudo é preciso ter fé, do contrário, nada. Lembra-te desta máxima e ficarás admirado dos resultados que obterás. Os dois doentes que curaste disso são a prova; nas circunstâncias em que se encontravam, com os remédios simples terias falhado.

Quando pedires a Deus permissão para que os Espíritos bons derramem sobre ti seus fluidos benfazejos, se o pedido não te fizer sentir um sobressalto involuntário, é que tua prece não foi bastante fervorosa para ser ouvida; ela só o será nas condições que te assinalo. É o que tens experimentado quando dizes do fundo do coração: “Deus Todo-Poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limites, acolhei a minha prece e permiti que os Espíritos bons me assistam na cura de...; tende piedade dele, meu Deus, e restitui-lhe a saúde; sem vós nada posso. Que se faça a vossa vontade.”

Fizestes bem em não desprezar os humildes. A voz do que sofreu e suportou com resignação as misérias deste mundo é sempre ouvida; e, como vês, um serviço prestado sempre recebe a sua recompensa.

Agora, uma palavra a meu respeito; isto te confirmará o que foi dito acima.

O Espiritismo te explica minha linguagem como Espírito. Não preciso entrar em detalhes a respeito. Também creio ser inútil dar-te a conhecer a minha existência anterior. A posição em que me conhecestes na Terra deve fazer-te compreender e

apreciar minhas outras existências, que nem sempre foram irrepreensíveis. Votada a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei a vida toda. Não entesourei; na velhice minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos, que reservava para quando as pernas não me pudessem transportar. Deus julgou a minha provação e expiação suficiente e lhes pôs um termo, livrando-me, sem sofrimento, da vida terrena; porque eu não me suicidei, como a princípio pensaram. Caí fulminada à borda do pântano, no momento em que dirigia minha última prece a Deus. O declive do terreno foi a causa da presença de meu corpo na água. Não sofri; estou feliz por ter podido cumprir minha missão sem entraves e com resignação. Tornei-me útil, na medida de minhas forças e de minhas possibilidades, e evitei fazer mal ao próximo. Hoje recebo a recompensa e dou graças a Deus, nosso divino Senhor que, no castigo que inflige, suaviza a amargura fazendo-nos esquecer, durante a vida, as nossas antigas existências, e pondo em nosso caminho almas caridosas, para nos ajudarem a suportar o fardo de nossos erros passados.

Persevera também e, como eu, serás recompensado.

Agradeço-te as boas preces e o serviço que me prestaste. Jamais o esquecerei. Um dia nos reveremos e muitas coisas ser-te-ão explicadas; no momento seriam supérfluas. Basta saberes que te sou muito devotada, muitas vezes estou junto de ti e sempre que necessitares de mim, para o alívio dos que sofrem.

A pobrezinha **Julienne-Marie**

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, a 10 de junho de 1864 (médium: Sra. Patet), o Espírito Julienne-Marie ditou a seguinte comunicação:

Obrigado porque me admitistes em vosso meio, caro presidente; sentistes bem que minhas existências anteriores foram mais elevadas do ponto de vista social; e, se voltei para sofrer a

prova da pobreza, era para me punir de um vão orgulho, que me fazia repelir quem fosse pobre e miserável. Então sofri essa lei justa de talião, que me tornou a mais horrenda mendiga desta região; mas, como que para me provar a bondade de Deus, eu não era repelida por todos; isto era todo o meu medo. Suportei minha prova sem murmurar, pressentindo uma vida melhor, de onde não devia mais voltar a esta Terra de exílio e de calamidade. Que felicidade o dia em que nossa alma, ainda jovem, puder entrar na vida espiritual para rever os seres amados! porque, eu também, amei e sou feliz por ter encontrado os que me precederam. Obrigado a esse bom Aubert; ele me abriu a porta do reconhecimento; sem a sua mediunidade eu não lhe poderia agradecer e provar-lhe que minha alma não esquece as felizes influências de seu bom coração e recomendar-lhe que propague sua divina crença. Ele é chamado a recolher as almas transviadas; que se convença bem do meu apoio. Sim, eu lhe posso retribuir ao cêntuplo o que ele me fez, instruindo-o na via que seguis. Agradecei ao Senhor o me haver permitido que os Espíritos vos possam dar instruções para encorajar o pobre em suas penas e deter o rico em seu orgulho. Sabei compreender a vergonha que há em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de que eviteis, como eu, de vir expiar as vossas faltas nessas dolorosas posições sociais, que vos colocam tão baixo e vos fazem a escória da sociedade.

Julienne-Marie

Observação – Este caso está cheio de ensinamentos para quem quer que medite as palavras deste Espírito nestas duas comunicações. Todos os grandes princípios do Espiritismo aí se acham reunidos. Desde a primeira, o Espírito revela a sua superioridade pela linguagem; como fada benfeitora, vem proteger aquele que não a rejeitou em seus farrapos de miséria. É uma aplicação destas máximas do Evangelho: “Os grandes serão humilhados e os pequenos serão exaltados; bem-aventurados os

humildes; bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, pois quem é pequeno neste mundo talvez seja maior do que credes.” Que os que negam a reencarnação como contrária à justiça de Deus, expliquem a posição dessa mulher, condenada à infelicidade desde o nascimento, por suas enfermidades, se não por uma vida anterior!

Transmitida esta comunicação ao Sr. Aubert, ele obteve, por sua vez, a que segue, que vem confirmar a anterior:

P. – Boa Julienne-Marie, já que quereis ajudar-me com os vossos bons conselhos, a fim de me fazer progredir na via da nossa divina doutrina, tende a bondade de vos comunicardes comigo. Envidarei todos os esforços para tirar proveito dos vossos ensinamentos.

Resp. – Lembra-te da recomendação que te vou fazer e dela jamais te afastes. Sê sempre caridoso, na medida de tuas possibilidades; compreendes a caridade suficientemente tal qual deve ser praticada em todas as posições da vida terrena. Não preciso, pois, vir dar-te um ensinamento a respeito; serás tu mesmo o melhor juiz, seguindo, contudo, a voz da consciência, que jamais te enganará, quando a escutares sinceramente.

Não te iludas quanto às missões que tens a cumprir na Terra; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi muito penosa, mas eu merecia semelhante punição, por minhas existências precedentes, conforme o confessei ao bom presidente da sociedade mãe de Paris, à qual todos vos reunireis um dia. Esse dia não está tão longe quanto pensas; o Espiritismo marcha a passos de gigante, a despeito de tudo quanto têm feito para o entrar. Marchai, pois, todos sem medo, fervorosos adeptos da doutrina, e vossos esforços serão coroados de sucesso. Pouco vos importe o que disserem de vós. Colocai-vos acima de uma crítica irrisória, que cairá sobre os adversários do Espiritismo.

Os orgulhosos! eles se julgam fortes e pensam abater-vos facilmente. Vós, meus bons amigos, ficai tranqüilos e não temais vos medir com eles. Eles são mais fáceis de vencer do que imaginais; muitos dentre eles têm medo e temem que a verdade, enfim, lhes venha ofuscar os olhos. Esperai; eles virão, por sua vez, ajudar no coroamento do edifício.

Julienne-Marie

Notas Bibliográficas¹⁸

L'AVENIR,

Monitor do Espiritismo

Durante muito tempo batalhamos quase sozinhos para sustentar a luta tramada contra o Espiritismo. Eis, porém, que surgiram campeões de diversos lados e entraram corajosamente na liça, como para dar um desmentido aos que pretendem que o Espiritismo se vai. Primeiro, o *Vérité*, em Lyon; depois, o *Ruche*, o *Sauveur* e a *Lumière*, em Bordeaux; a *Revue Spirite d'Anvers*, na Bélgica; os *Annales du Spiritisme en Italie*, em Turim. Temos a satisfação de dizer que todos empunham bravamente a bandeira, e provaram aos nossos adversários que achariam com quem contar. Se fazemos justos elogios à firmeza de que esses jornais deram prova, por suas refutações cheias de lógica, devemos, sobretudo, elogiá-los por não se terem afastado da moderação, que é o caráter essencial do Espiritismo e, ao mesmo tempo, a prova de sua verdadeira força; por não terem seguido os nossos antagonistas no terreno do personalismo e da injúria, sinal incontestável de fraqueza, porquanto não se chega a tal extremo senão quando se

¹⁸ Vide, mais adiante, os anúncios detalhados a respeito das diversas obras sobre o Espiritismo.

está necessitado de boas razões. Aquele que está de posse de argumentos sérios os faz valer; não os substitui ou se guarda de os enfraquecer por uma linguagem indigna de uma boa causa.

Em Paris, um recém-vindo se apresenta sob o título desprezioso de *Avenir, Moniteur du Spiritisme*. A maioria de nossos leitores já o conhece, bem como o seu redator-chefe, o Sr. d'Ambel, e o puderam julgar por suas primeiras armas. A melhor publicidade é provar o que se pode fazer; depois, o grande júri da opinião pronuncia o veredicto. Ora, não duvidamos que este lhe seja favorável, a julgar pela acolhida simpática recebida por ocasião de seu aparecimento.

A ele, pois, também as nossas simpatias pessoais, conquistadas previamente por todas as publicações susceptíveis de servir valiosamente à causa do Espiritismo; porque não poderíamos conscientemente apoiar, nem encorajar, aqueles que, pela forma ou pelo fundo, voluntariamente ou por imprudência, lhe fossem mais prejudiciais do que úteis, iludindo a opinião quanto ao verdadeiro caráter da doutrina, ou oferecendo combustível aos ataques e às críticas fundadas dos nossos inimigos. Em semelhante caso, a intenção não pode ser julgada pelo fato.

CARTAS SOBRE O ESPIRITISMO

Escritas aos eclesiásticos pela Sra. J. B., com esta epígrafe de circunstância, que é um sinal característico de nossa época

Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não o podeis suportar. Quando, porém, vier o Espírito de Verdade, ele vos ensinará toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. E quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo. (São João, 16:12, 13 e 8).

As reflexões que fizemos acima, a propósito do *Avenir*, não se aplicam apenas às folhas periódicas, mas às publicações de

qualquer outra natureza, volumes ou brochuras, cujo número se multiplica incessantemente, e cujos autores são igualmente campeões que participam da luta e trazem a sua pedra ao edifício. Saudação fraterna de boas-vindas a todos esses defensores, homens e mulheres que, sacudindo o jugo dos velhos preconceitos, içam a bandeira sem segunda intenção pessoal, sem outro interesse que o do bem geral e fazem retinir o grito libertador e emancipador da Humanidade: *Fora da caridade não há salvação!* Apenas pronunciado esse grito pela primeira vez e cada um compreendeu que encerrava toda uma revolução moral, desde há muito tempo pressentida e desejada, e que encontrou ecos simpáticos nas cinco partes do mundo. Foi saudado como a aurora de um futuro venturoso e, em poucos meses, tornou-se a contra-senha de todos os espíritas sinceros. É que, após uma luta tão grande e tão cruel contra o egoísmo, enfim deixava entrever o reino da fraternidade.

A brochura que aqui anunciamos é devida a uma senhora, membro da Sociedade Espírita de Paris, excelente médium, chefe de um grupo particular admiravelmente dirigido e a quem não se poderia censurar senão um excesso de modéstia, se excesso pudesse haver no bem. Se só assinou seu escrito por iniciais, por certo pensou que um nome desconhecido não é uma recomendação; além do mais, não tem a menor intenção de se apresentar como escritora. Mas nem por isso deixa de ter a coragem da opinião, que não é mistério para ninguém.

A Sra. J. B. é sinceramente católica, mas católica muito esclarecida, o que diz tudo. Sua brochura é escrita desse ponto de vista e, por isto mesmo, dirige-se principalmente aos membros do clero. É impossível refutar com mais talento, elegância na forma, moderação e lógica, os argumentos que uma fé exclusiva e cega contrapõe às idéias novas. Recomendamos esse interessante trabalho aos nossos leitores. Eles podem, sem receio, propagá-lo entre as pessoas que desconfiam da ortodoxia, e o dar em resposta aos ataques dirigidos contra o Espiritismo, do ponto de vista religioso.

OS MILAGRES DE NOSSOS DIAS

Por Aug. Bez

Sob esse título, o Sr. Aug. Bez, de Bordeaux, acaba de publicar o relato das manifestações de Jean Hillaire, médium extraordinário, cujas faculdades lembram, sob muitos aspectos, as do Sr. Home, chegando mesmo a ultrapassá-las em certos pontos.

O Sr. Home é um homem do mundo, de maneiras afáveis e cheias de urbanidade, que só se revelou à mais alta aristocracia. Jean Hillaire é um simples cultivador da Charente-Inférieure, pouco letrado, que vive do seu trabalho. Suas maiores excursões, ao que parece, foram de Sonnac, seu vilarejo, a Saint-Jean d'Angely e a Bordeaux; mas Deus, na repartição de seus dons, não leva em conta as posições sociais; quer que a luz se faça em todos os graus da escala, razão por que os concede aos grandes e aos pequenos.

A crítica e a calúnia odiosa não pouparam o Sr. Home. Sem consideração às altas personagens que o honraram com sua estima, que o receberam e ainda o recebem em sua intimidade, a título de comensal e amigo, a incredulidade zombeteira, que nada respeita, se deleitou em ridicularizá-lo, em apresentá-lo como vil charlatão e hábil prestidigitador, numa palavra, como um saltimbanco de fina educação. Não se deteve nem mesmo ante a idéia de que tais ataques atingiam a honorabilidade das mais respeitáveis pessoas, acusadas, por isso mesmo, de convivência com um suposto ilusionista. Dissemos a seu respeito que basta tê-lo visto para julgar que seria o mais desastrado charlatão, porque não tem atitudes audaciosas nem loquacidade, que se não coadunariam com a sua timidez habitual. Aliás, quem poderia dizer que alguma vez ele tivesse fixado preço às suas manifestações? O motivo que ultimamente o conduzia a Roma, de onde foi expulso, para ali se aperfeiçoar em escultura e desta tirar seus recursos, é o mais formal desmentido aos seus detratores. Mas que importa! Eles disseram que é um charlatão, e não querem dar o braço a torcer.

Os que conhecem Hillaire igualmente puderam convencer-se de que ele seria um charlatão ainda mais desastrado. Nunca seria demais repetir: o móvel do charlatanismo é sempre o interesse; onde não há nada a ganhar o charlatanismo não tem objetivo; onde teria a perder, seria uma estupidez. Ora, que proveito material tirou Hilário de suas faculdades? Muitas fadigas, uma grande perda de tempo, aborrecimentos, perseguições, calúnias. O que ganhou, e para ele não tem preço, foi uma fé viva em Deus, que antes não tinha, uma fé em sua bondade, na imortalidade da alma e na proteção dos Espíritos bons. Não é este, exatamente, o fruto visado pelo charlatanismo. Mas ele sabe, também, que essa proteção não se obtém senão se melhorando; é o que se esforça por fazer, e o que, também, não interessa aos charlatães. É, igualmente, o que o faz suportar com paciência as vicissitudes e as privações.

Em semelhantes casos, uma garantia de sinceridade está, pois, no absoluto desinteresse. Antes de acusar um homem de charlatanismo, é preciso perguntar que proveito pode tirar em enganar os outros, pois os charlatães não são tolos a ponto de nada ganhar e, ainda menos, de perder, ao invés de ganhar. Assim, os médiuns têm uma resposta peremptória a dar aos detratores, perguntando-lhes: *Quanto me pagaram* para fazer o que faço? Uma garantia não menos significativa e susceptível de causar viva impressão é a reforma de si mesmo. Só uma profunda convicção pode levar um homem a vencer-se, a desembaraçar-se do que tem de mau, a resistir aos perniciosos arrastamentos. Então, já não é apenas a faculdade que se admira, mas a pessoa que se respeita e se impõe à zombaria.

As manifestações obtidas por Hillaire são, para ele, uma coisa santa; considera-as como um favor de Deus. Os sentimentos que elas lhe inspiram estão resumidos nas seguintes palavras, extraídas do livro do Sr. Bez:

“O rumor desses novos fenômenos espalhou-se por toda parte com a rapidez do relâmpago. Todos os que, até então, ainda não haviam assistido a manifestações espíritas, ficaram mortos de vontade de ver. Mais que nunca, Hillaire foi assediado por pedidos e convites de toda sorte. Ofertas de dinheiro foram feitas por várias pessoas, a fim de o decidir a dar sessões em suas casas; mas Hillaire sempre teve a convicção profunda de que suas faculdades não lhe foram dadas senão visando à caridade, a fim de trazer a fé à alma dos incrédulos e, assim, arrancá-los ao materialismo, que os corrói sem piedade e os mergulha no egoísmo e no deboche. Desde que Deus lhe fez a graça de se servir dele para esclarecer os seus compatriotas; desde que manifestações de ordem tão elevada são produzidas por seu intermédio, o simples médium de Sonnac considerou sua mediunidade como puro sacerdócio e convenceu-se de que, no dia em que aceitasse a menor retribuição, suas faculdades lhe seriam retiradas ou entregues como um joguete aos Espíritos maus e levianos, que as utilizariam para fazer o mal ou mistificar todos aqueles que ainda cometessem a imprudência de a ele dirigir-se. E, não obstante, a posição pecuniária desse humilde instrumento se acha em estado muito precário. Sem fortuna, tem de ganhar o pão com o suor do rosto e, muitas vezes, a grande fadiga que experimenta quando se produzem algumas manifestações importantes, mina as forças que lhe são necessárias para manejar a pá e a enxada, dois instrumentos que, incessantemente, deve ter entre as mãos.”

Nos momentos de infortúnio, que tinham por objetivo experimentar sua fé e sua resignação, Hillaire, tal qual acontecera com Job, encontrou asilo e assistência nos amigos reconhecidos, que lhe deviam a consolação pelo Espiritismo. Isto é pôr à venda as manifestações dos Espíritos? Não, certamente. É um socorro que Deus lhe enviou, que podia e devia aceitar sem escrúpulo; sua consciência está em paz, porque não traficou com os dons que recebeu de graça; não vendeu as consolações aos aflitos, nem a fé que deu aos incrédulos. Quanto aos que lhe vieram em auxílio, cumpriram um dever de fraternidade, pelo que serão recompensados.

As faculdades de Hillaire são múltiplas; ele é médium vidente de primeira ordem, audiente, falante, extático e, além disso, escrevente. Obteve escrita direta e transportes notáveis. Várias vezes foi levantado e transpôs o espaço sem tocar o solo, o que não é mais sobrenatural do que ver erguer-se uma mesa. Todas as comunicações e todas as manifestações que obtém atestam a assistência dos Espíritos bons e sempre se dão em plena luz. Muitas vezes entra espontaneamente em sono sonambúlico, e é quase sempre neste estado que se produzem os mais extraordinários fenômenos.

A obra do Sr. Bez é escrita com simplicidade e sem exaltação. Não só o autor diz o que viu, como cita numerosas testemunhas oculares, a maioria das quais se interessou pessoalmente pelas manifestações; estes não teriam deixado de protestar contra inexatidões, sobretudo se lhes tivessem feito representar um papel contrário ao que se passou. O autor, justamente estimado e considerado em Bordeaux, não se teria exposto a receber semelhantes desmentidos. Pela linguagem se reconhece o homem consciencioso, que teria escrúpulo em alterar conscientemente a verdade. Aliás, não há um só desses fenômenos cuja possibilidade não seja demonstrada pelas explicações que se acham em *O Livro dos Médiuns*.

Esta obra difere da do Sr. Home; em vez de ser uma simples compilação de fatos, muitas vezes repetidos, sem deduções nem conclusões, encerra, sobre quase todos os que são relatados, apreciações morais e considerações filosóficas que dele fazem um livro ao mesmo tempo interessante e instrutivo, no qual se reconhece o espírita, não só convicto, mas esclarecido.

Quanto a Hillaire, felicitando-o por seu devotamento, nós o exortamos a jamais perder de vista que o que constitui o principal mérito do médium não é a transcendência de suas faculdades, que lhe podem ser retiradas a qualquer momento, mas

o bom uso que delas faz. Desse uso depende a continuação da assistência dos Espíritos bons, porque há uma grande diferença entre um médium bem-dotado e o que é bem assistido. O primeiro só excita a curiosidade; o segundo, ele próprio tocado no coração, reage moralmente sobre os outros, em razão de suas qualidades pessoais. Desejamos, tanto no seu próprio interesse quanto no da causa, que os elogios de amigos, geralmente mais entusiastas que prudentes, nada lhe tirem de sua simplicidade e de sua modéstia, e não o façam cair na armadilha do orgulho, que já perdeu tantos médiuns.

PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

Estudo onde são expostas as condições de habitabilidade das terras celestes, discutidas do ponto de vista da Astronomia, da Fisiologia e da Filosofia Natural, por *Camille Flammarion*, adido ao Observatório de Paris. Um grosso volume in-12, com estampas astronômicas. Preço: 4 francos. – Edição de biblioteca, in-8, 7 francos. Livraria acadêmica de Didier & Cie., 35, quai des Augustins.

A falta de espaço nos obriga a adiar para o próximo número a apreciação crítica dessa importante obra.

Para as condições das obras acima, vide, mais adiante, a lista das *Obras diversas sobre o Espiritismo*.

Aviso

Excepcionalmente, e por força de circunstâncias particulares, as férias da Sociedade Espírita de Paris começarão este ano em 1^o de agosto. A Sociedade reabrirá suas sessões na primeira sexta-feira de outubro.

Allan Kardec

